

JASON GOODWIN

# O FOGO DE ISTAMBUL

Tradução de José Vieira de Lima

# 1



Com um dedo ligeiro, Yashim retirou do punho um grão de poeira.

– Só mais uma coisa, marquesa – murmurou.

Ela olhou-o nos olhos.

– Os papéis.

A marquesa de Merteuil não resistiu a um risinho.

– Mas que diabo, *monsieur* Yashim, depravação não é uma palavra que reconheçamos na Académie. – Por detrás do leque que dançava na sua mão, lançou-lhe, num tom que era quase um silvo: – É um estado de espírito.

Yashim sentia já o seu sonho a desfazer-se.

A marquesa retirara do decote um papel e estava a bater com ele na mesa como se fosse um pequeno martelo.

Yashim aproximou-se para ver melhor. Afinal, era mesmo um pequeno martelo.

*Tap, tap, tap.*

Abriu os olhos e mirou em seu redor. O Château de Merteuil dissolveu-se à luz da vela. Sombras ameaçadoras espreitavam sob as estantes cheias de livros e nos recantos do quarto – ou melhor, um quarto e meio, onde Yashim vivia sozinho num prédio de apartamentos em Istambul. A edição encadernada a couro de *Les Liasons Dangereuses* deslizara-lhe até ao colo.

*Tap tap tap.*

– *Evet, evet* – resmungou. – Já vai. – Pôs uma capa por cima dos ombros, calçou umas sandálias amarelas, e, num passo arrastado, seguiu na direcção da porta. – Quem é?

– Um pajem.

Demasiado velho para a profissão de pajem, disse Yashim para si mesmo, enquanto fazia entrar no quarto obscuro um homem alto e magro que, de facto, já tinha visto muito mundo. A brusca corrente de ar fez dançar a luz da única vela que estava acesa. As sombras dos dois homens envolveram-se num combate de boxe até que a sombra do pajem esfaqueou a de Yashim com um punhal que bruxuleava. Yashim pegou no rolo de papel e mirou de relance o selo. Lacre amarelo.

Esfregou os olhos com o polegar e o indicador. Apenas algumas horas antes, perscrutara um horizonte sombrio, procurando por entre a chuva fina as luzes e as margens. A chama vacilante da vela fez-lhe lembrar uma outra luz que balouçara num camarote, algures no alto mar, ao sabor das tempestades inverniais. O comandante era um grego com uma peitaça imponente, um olho branco e um ar de pirata, e o mar Negro, nessa altura do ano, era muito traiçoeiro. Apesar de tudo, fora uma sorte encontrar um navio. Mesmo nos piores momentos da viagem, quando o vento uivava na enxárcia, as ondas fustigavam a coberta de proa e Yashim, em constantes convulsões, vomitava no seu estreito beliche, considerara que tudo era preferível a passar o Inverno naquele palácio em ruínas da Crimeia, cercado pelos fantasmas de cavaleiros intrépidos, consumido de frio e desalento. Sentira a imperiosa necessidade de regressar à sua terra.

Com uma pancada seca do polegar, quebrou o selo.

Com o odor do mar nas narinas e o chão movendo-se ainda sob os seus pés, tentou concentrar-se na rebuscada caligrafia.

Suspirou e deixou o papel sobre a mesa. Pegou na vela e acendeu um candeeiro de parede. As chamas azuladas foram-se erguendo lentas da estopa calcinada. Yashim colocou de novo o globo do candeeiro e ajeitou a mecha até que a luz, de início incerta, se tornou amarela e firme. A pouco e pouco, a luz do candeeiro acabou por inundar o quarto.

Desenrolou o pergaminho que o pajem lhe dera.

*Saudações, etc., etc.* Ao fundo da página, deu com a assinatura do *seraskier*, o comandante do regimento local da Nova Guarda, o exército imperial otomano. *Os meus melhores votos, etc., etc.* Voltou ao início da página. Com toda a prática que fora adquirindo ao longo dos anos, era capaz de decifrar em poucos segundos uma carta como aquela. Sob uma aparência cortês e polida, ocultava-se uma convocatória imediata.

– Então? Que tem para me dizer? – perguntou ao pajem.

O velho pôs-se em sentido. – Tenho ordens para o levar de imediato ao quartel. Relanceou num jeito hesitante a capa de Yashim. Este sorriu, pegou num pano e enrolou-o em torno da cabeça. – Estou pronto – disse. – Vamos.

Yashim sabia que, no seu caso, o traje pouco importava. A caminho dos quarenta, era um homem alto, bem constituído, com uma farta cabeleira de caracóis pretos onde despontavam uns quantos brancos. À ausência de barba, contrapunha um bigode preto de pontas reviradas. Tinha as maçãs do rosto salientes dos Turcos, e os olhos fendidos e cinzentos de um povo que vivera na grande estepe eurasiática durante milhares de anos. Se vestisse umas calças ao estilo europeu, então, sim, talvez reparassem nele, mas, com uma capa castanha, não, nem pensar. De facto, Yashim passava praticamente despercebido. Seria esse o seu talento especial, se é que era um talento. Como dissera a marquesa momentos antes, talvez não fosse um talento, mas um estado de espírito. Um estado do corpo.

Não lhe faltavam atributos – um charme inato, um dom para as línguas, e a faculdade de, inopinadamente, abrir muito aqueles olhos cinzentos. E havia a voz. Antes mesmo de saberem quem falava, homens e mulheres sentiam-se estranhamente hipnotizados pela sua voz. Contudo, algo faltava naquele corpo. Se quisermos ir diretos ao assunto e usar uma expressão grosseira, faltavam-lhe os tomates. Não no sentido figurado, visto que Yashim era razoavelmente corajoso. Mesmo na Istambul do século XIX, Yashim pertencia a uma espécie rara. Era um eunuco.

## 2



Nos Aposentos da Felicidade, no sector mais retirado e secreto do Palácio de Topkapi, o sultão, refastelado sobre as almofadas, revolveia a colcha de cetim num jeito impaciente, tentando imaginar o que poderia divertir-lo nas horas que aí vinham. Uma canção, pensou. Sim, isso mesmo, uma canção. Uma daquelas melodias circassianas tão doces quanto joviais: quanto mais triste o canto, mais radiosa a melodia.

Perguntara-se se não poderia muito simplesmente fingir que estava a dormir. E porque não? O soberano do mar Negro e do mar Branco<sup>1</sup>, da Rumélia e da Mingrélia, senhor da Anatólia e da Jónia, da Roménia e da Macedónia, protector das Cidades Santas, enérgico cavaleiro andante do reino da bem-aventurança, sultão e padixá, também tinha direito a dormir uma vez por outra, não tinha? Sobre-tudo se queria restabelecer a sua soberania sobre a Grécia.

Mas o sultão sabia o que aconteceria se por acaso tentasse fingir. Já o fizera antes, frustrando todas as esperanças e ambições da encantadora *gözde*, a jovem escolhida para partilhar a sua cama. Teria de aguentar os suspiros da rapariga, as unhas que timidamente lhe percorriam as coxas ou o peito, e, por fim, as lágrimas; durante um mês, todo o harém lhe lançaria olhares de censura.

A *gözde* não tardaria... Sim, era melhor começar a pensar num plano para o que aí vinha... O mais seguro seria sem dúvida deixá-la ficar por cima: estava demasiado gordo e não queria magoar ninguém. Ah, se ao menos pudesse ficar na cama com Hadice, que, como ele, era mais dada a abraços e a aconchegos, e que lhe massajava tão bem os pés...!

Ah, os pés...! Por um mero reflexo, ergueu ligeiramente os joelhos sob a colcha. Sim, claro, não tinha nada a opor à ancestral tradição, mas a verdade é que o sultão Mahmud II não estava com vontade nenhuma de deixar que uma jovem circassiana, muito perfumada, erguesse a colcha aos pés da cama e rastejasse depois até se enroscar nele.

---

<sup>1</sup> Para os Turcos, o mar Branco é o Mediterrâneo. (N. do T.)

Ouviu um ligeiro tumulto no corredor. O sentido do dever levou-o a reclinar-se sobre um cotovelo e a preparar-se para um sorriso de boas-vindas. Ouvia murmúrios... Nervos de última hora, talvez? A escrava, de súbito renitente, tivera um chique? Não, não era nada provável... Tinham-na preparado para tudo o que se ia passar, aquele era o acontecimento que até então ocupara todos os anos da sua vida. Tratava-se sem dúvida de uma qualquer disputa atizada pelo ciúme: *Essas pérolas são minhas!*

A porta abriu-se. Porém, quem entrou não foi uma escrava cheia de braceletes, as ancas ondulantes, os seios fartos. Bem pelo contrário – era um velho com as faces carregadas de *rouge* e uma barriga imponente, que, numa sucessão de vénias, avançou descalço pelo quarto num passinho rápido. Mal viu o seu amo e senhor, caiu de joelhos e começou a rastejar. Por fim, prostrou-se aos pés da cama. E aí ficou, mudo e trémulo, como uma enorme alforreca.

– Então? Que notícias trazes? – perguntou o sultão Mahmud com ar de poucos amigos.

Do corpo imenso saiu finalmente uma voz aguda e aflautada. – Voza Magnifizênzia, meu zenhor e amo – ceceou o escravo. O sultão remexeu-se na cama com óbvio desconforto.

– Quize Deuze que um véu de morte dezeze sobre o corpo de uma filha da felicidade cujos zonhozes Voza Magnifizênzia estava prezteze a realizar.

O sultão não podia franzir mais o sobrolho.

– Morreu? – perguntou num tom em que se misturavam a incredulidade e o espanto: seria possível que ele fosse assim tão temível?

– Zenhor, não zeí o que dizer. Maze Deuze feze de outra pezoa o instrumento da zua morte.

O eunuco fez uma pausa, procurando as palavras mais adequadas. Era tremendamente difícil.

– Meu zenhor – disse por fim. – A jovem foi estrangulada.

O sultão afundou-se nas almofadas. Pois bem, tinha razão, disse para si mesmo. Não fora uma questão de nervos, mas de meros ciúmes.

Tudo estava normal.

– Manda chamar Yashim – ordenou o sultão, num tom cansado.

– Quero dormir.